

O QUE É DEUS?

WHAT IS GOD?

Enio Rodovalho dos Santos¹

RESUMO: Os conceitos de ciência, religiosidade e Deus são palco de reflexões desde quando o ser humano começou a usar o seu pensamento de forma racional. A humanidade, ao longo dos anos, desenvolveu várias teorias a respeito dos temas sem conseguir de fato chegar a um denominador comum. Em muitos momentos históricos, a ciência avançou em conflito com a religião. Com este trabalho, temos o objetivo de resgatar conceitos de alguns grandes cientistas da história e levantar algumas hipóteses e interpretações, no intuito de contribuir para um melhor entendimento do tema e tentar responder à célebre pergunta: o que é Deus?

Palavras- chave: Ciência. Deus. Religiosidade.

ABSTRACT: The concepts of science, religiosity and God have been the stage for reflections since when human began to use their thinking in a rational way. Humanity has developed several theories about the themes without actually reaching a common denominator. In many historical moments, science has advanced in conflict with religion. This work intends to rescue concepts from some great scientists of history and raise some hypotheses and interpretations and thus contribute to a better understanding of the topic and try to answer the famous question: what is God?

1171

Key-words: Science. God. Religiosity.

INTRODUÇÃO

¹ Possui graduação em Geografia (licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (2000). Graduação em Geografia (bacharelado) pela Universidade Federal de Uberlândia (2002). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2005). Especialização em Geomática pela Faculdade Católica de Uberlândia (2011). cursou disciplina: Geomática I (Topografia I) do curso de graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Técnico Agrimensor pela Faculdade de Engenharia de Minas Gerais (2019). Tem experiência como professor no ensino básico, técnico e superior (graduação e pós-graduação), atuando principalmente nos seguintes temas: geografia física, meio ambiente, conservação de solo e água, hidrogeografia, educação ambiental, clima, balanço hídrico, uso da água na irrigação, planejamento ambiental. Desenvolve trabalhos técnicos na área de agrimensura, georreferenciamentos, topografia regularização fundiária e meio ambiente como agrimensor e geógrafo pela empresa: RBA Engenharia e Planejamento Ambiental Ltda. E-mail: eniorodvalho@gmail.com.

A humanidade evolui em busca de respostas. Desde os primeiros pensadores e cientistas existe essa busca. Estes, dotados apenas do pensamento, da reflexão, da observação e de experimentos e equipamentos rústicos, conseguiram elaborar conceitos, teorias, modelos matemáticos e propiciaram a criação da ciência propriamente dita.

Inicialmente, buscamos realizar um breve resgate de alguns grandes cientistas e autores e suas principais obras e relatos que serviram de fundamentação teórica e confirmação dos embates existentes entre ciência e religiosidade. Em seguida, realizamos uma discussão comparativa da origem do universo e do homem sob a ótica da ciência e da religião. E, por último, fizemos uma tentativa de conceituar Deus com o intuito de diminuir os embates históricos que sempre existiram entre ciência e religiosidade.

Os pensadores e a evolução da ciência

Um dos pensadores mais importantes da história é o filósofo grego Sócrates, que viveu entre 470 a.C. e 399 a.C. Sócrates não deixou nada escrito. O que existe sobre ele pode ser encontrado nas obras de Platão, de Xenofonte, um historiador que era seu amigo e participavam de reuniões juntos, de Aristófanes e de Aristóteles. Sócrates estabeleceu o princípio do fundamento filosófico ocidental com a frase que é a essência de todo seu ensinamento: “Conhece-te a ti mesmo” (PESSANHA, 1987, p.28-30).

1172

Essa máxima de Sócrates, o pensamento platônico e os ideais gregos podem ter sido um dos fundamentos do Evangelho Segundo João no Novo Testamento (CHOPRA, 2014, p. 58), e, talvez tenham influenciado o próprio Jesus Cristo quando ele diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Sócrates foi perseguido pelos governantes de Atenas por conta de seus ideais políticos e condenado à morte por envenenamento por cicuta após ser julgado sob a alegação de corromper a juventude e introduzir a ideia de novos deuses (GOTTLIEB, 1999, p.14).

Platão viveu entre 429 a.C. – 348 a.C., nasceu na Grécia, era filósofo e matemático. Foi um discípulo de Sócrates e tinha fé na razão e na verdade. Por conta da condenação e morte de Sócrates, ele se afastou das atividades políticas de Atenas (CARVALHO, 2018, p.12-19). Das suas obras, escritas em forma de diálogo, podemos destacar: “Protágoras”, “Apologia”, “Fedro”, “Timon”, “Banquete” e “A República” e, dentro desta, ressaltamos a

história do mito da caverna. Platão fundou a primeira instituição de educação superior em Atenas (PESSANHA, 1991, p. 3).

Entre 384 a.C. e 322 a.C. viveu Aristóteles, considerado um dos mais importantes filósofos da Grécia. Foi aluno de Platão e professor de Alexandre, O Grande. Suas obras relatavam sobre política, ética e moral. Fundou a escola Liceu e foi o responsável por fundamentar toda arte e ciência moderna (id. 1983, p. 8-10, Aristóteles).

O polonês Nicolau Copérnico (1473 – 1543) era astrônomo, matemático, teólogo e se dedicou também aos estudos de direito, filosofia e medicina. Desenvolveu a teoria do heliocentrismo, mas manteve suas obras em anonimato com receio de perseguições (MENDES, 2010, p.51-77).

De acordo com ARANTES, 2019, p. 1, Giordano Bruno nasceu em Nola, na Itália, em 1548. Era filósofo, matemático, teólogo e religioso italiano. Foi julgado pelo Tribunal da Inquisição e ficou sete anos preso, sendo condenado à morte na fogueira no ano de 1600 por defender teorias científicas contrárias à Igreja, dentre elas, o heliocentrismo, criado por Copérnico.

Giordano Bruno conceituava a natureza de forma integrada com Deus: “Não há ser sem Essência. Logo, nada pode estar livre da presença Divina... A natureza não é nada além de Deus nas coisas” (BRUNO apud CHOPRA, 2014, p.177).

1173

O italiano Galileu Galilei nasceu em Pisa em 1564, foi um dos astrônomos mais importantes da história, além de ter realizado estudos na física e na matemática. Em 1633 foi julgado pela Santa inquisição por conta de seus estudos sobre heliocentrismo, mas não foi condenado à morte por se desculpar perante este tribunal, porém, recebeu a pena de ficar confinado em sua casa e não divulgar seus estudos. E isto perdurou até sua morte em 1642 (GOUVEIA, 2019; ROSA, 2013, p. 20-23).

Dos muitos conflitos entre ciência e religião que ocorreram ao longo da História, nenhum recebeu mais atenção do que a batalha entre Galileu e a Igreja católica, que se deu durante a primeira metade do século XVII (GLEISER, 1997, p. 128).

Todos esses pensadores e cientistas, dentre outros, serviram de referência para o conhecimento filosófico/científico da atualidade. Entretanto, sabemos que o conhecimento é infinito e quanto mais a ciência avança novas teorias, métodos e verdades científicas são formuladas.

Portanto, ao longo da história os assuntos ciência e religião foram tratados, na maioria das vezes, como coisas antagônicas, sendo que os muitos embates ocorreram entre as instituições religiosas e cientistas. Muitos pensadores e cientistas supracitados foram perseguidos e/ou condenados à morte por formularem teses diferentes dos dogmas da igreja e do poder político da época.

A perseguição aos cientistas pela igreja na Idade Média mostra a resistência do ser humano em aceitar novas ideias. Entretanto, mesmo sob o risco de julgamentos e condenações, a busca por conhecimento e a curiosidade do ser humano em descobrir o desconhecido são o que move a evolução das ideias. Isso fica claro na obra de GLEISER, 1997, p. 65:

Talvez mais relevante que os vários detalhes de seu legado cultural, os gregos nos ensinaram como é importante nos perguntar sobre o mundo à nossa volta e sobre nós mesmos. Seu amor pela razão e sua fé no uso do raciocínio como instrumento principal na busca do conhecimento formam o arcabouço fundamental do estudo científico da Natureza.

KARDEC, 2003, p. 33, afirma que:

a ciência revela as leis do mundo material e a religião as do mundo moral. E que é chegado o tempo de tirar o véu propositadamente atirado sobre os ensinamentos do Cristo, onde a ciência deve deixar de ser exclusivamente materialista e a religião deve considerar as leis orgânicas e imutáveis da matéria.

Kardec é considerado pelos espíritas como a terceira revelação do Cristianismo, sendo Moisés a primeira e Cristo a segunda. Em seus escritos formulados em meados do século XIX surge então essa proposta de alinhamento do pensamento científico com o religioso. Portanto, agora, em pleno século XXI, com todo o grau de avanço científico e tecnológico em que se encontra a humanidade, é possível chegarmos ao entendimento de que ciência e religião não devem ser tratadas como antagônicas.

Origem do universo

Atualmente, muitas das questões que intrigaram a humanidade desde os primeiros pensadores estão comprovadas pela ciência. Entretanto, o conceito de Deus ainda deixa muitas pessoas com dúvidas e nem as religiões conseguem explicá-lo.

Antes de falarmos de Deus é preciso buscar um ponto de consenso entre ciência e religiosidade, que são temas bastante diferentes, mas, se aprofundarmos um pouco, perceberemos que não são tão antagônicos assim.

A primeira questão que temos que solucionar é como o universo foi criado e de onde viemos.

De acordo com o livro da Gênese da Bíblia (2020): os sete dias da criação podem ser assim enumerados:

- Primeiro dia: tudo era escuridão e Deus cria a Luz;
- Segundo dia: Criação do firmamento;
- Terceiro dia: A Terra é separada do mar. Surgimento das plantas;
- Quarto dia: Criação dos luminares (sol, lua, ...);
- Quinto dia: Criação de peixes e pássaros;
- Sexto dia: Criação de animais e do homem;
- Sétimo dia: Deus descansou e santificou o sétimo dia.

Conforme a Usina de Letras (2011), a Bíblia relata que:

Deus criou o mundo em seis dias, entretanto a ciência já provou que o nosso planeta tem cerca de 4,5 bilhões de anos e algumas religiões tentam explicar os “dias” da criação como grandes fases geológicas, uma vez que a palavra hebraica “*íon*” é utilizada como “tempo”, assim como até mesmo o nosso termo “dia” pode se referir a uma época.

1175

Contra-pondo-se ao modelo Criacionista, a teoria do Big Bang é aceita no meio científico como explicação para a origem do universo. De acordo com HAWKING, 2016, p. 44): “[...] o tempo deve ter tido início no que é chamado de Big Bang. Argumentos semelhantes mostram que o tempo teria um fim quando as estrelas ou galáxias entrarem em colapso sob o peso da própria gravidade para formar buracos negros.”

Conforme (CESAR, 2013; SOUZA, 2011; STEINER, 2006), de forma resumida, a cronologia do Big Bang e a evolução da vida na Terra podem ser descritas da seguinte forma:

- Há 13,7 bilhões de anos - toda matéria e energia do universo estava reunida num único ponto, que explodiu no evento único e original que os físicos denominaram Grande Explosão ou *Big Bang*;
- Há 13,2 bilhões – surgiram as primeiras galáxias;
- Há 13 bilhões – formação da Via Láctea;
- Há 4,6 bilhões – formação do sistema solar;
- Há 3,8 bilhões – surgimento das primeiras formas de vida (seres unicelulares, na Terra);

- Há 500 milhões – surgimento dos peixes;
- Há 100 mil – surgimento do *Homo sapiens*.

É possível visualizar que existe uma similitude entre as duas teorias. Podemos dizer que elas não se contradizem e sim descrevem os mesmos eventos usando apenas uma terminologia apropriada para as épocas em que foram escritas.

É claro que esta criação proveniente do Bing Bang é algo complexo e tema de estudos de cientistas, principalmente dos físicos em várias partes do mundo ao longo da história. Afinal, como a máxima de Einstein: “Deus não joga dados”. Ou, como disse Santo Agostinho, “Deus não tinha feito coisa alguma antes da criação do céu e da Terra” (HAWKING, 2016, p. 17-39).

Esses dizeres aparentemente simplórios, mas, por outro lado, com significados muito profundos, levam-nos à reflexão sobre a idade do universo e sua história ou suas histórias. Questões que ainda não foram respondidas, conforme argumenta GLEISER, 1997, p. 357, grifos do autor:

Novas ideias geram sempre novas perguntas. Essa curiosidade sem fim é a espinha dorsal da ciência. Já que o Universo está em expansão, é natural que os cosmólogos quisessem reconstruir sua história. Antigas questões voltam a inspirar e a assombrar a criatividade científica. Será que o Universo teve uma “origem”? Será que terá um fim? Qual seu tamanho? Qual a sua idade? Se teve um “início”, será que podemos compreendê-lo? Como evoluiu de “lá” até “aqui”?

Sendo assim, a única certeza que temos até então é sobre o estado de expansão contínuo em que se encontra o universo. As outras questões ficam para os cientistas responderem nos próximos anos, décadas ou séculos. Outras talvez não possam ser respondidas.

Descendentes de Adão e Eva ou a Teoria da Evolução?

Se tivermos respondido à questão sobre a criação do universo, como se explica o surgimento do ser humano? A ciência explica que o ser humano é resultante da evolução de um primata e as religiões criacionistas dizem que somos descendentes de Adão e Eva, criados por Deus.

Muitos estudiosos vêm tentando responder a essas questões desde a Antiguidade. De acordo com HAWKING, 1988, p. 12:

Aristóteles, bem como a maioria dos filósofos gregos, por outro lado, não se afeiçoaram à ideia da criação porque tinha demasiado sabor a intervenção divina. Acreditavam que a raça humana, e o mundo à sua volta, sempre tinham existido e existiriam para sempre. Os Antigos tinham levado em conta o argumento acima referido acerca da evolução, e explicavam-no recorrendo a dilúvios cíclicos e outros desastres que periodicamente tinham reconduzido a raça humana de novo ao começo da civilização.

Buscando na Gênese da Bíblia cristã percebemos que após Adão e Eva vieram outras gerações que os sucederam, como podemos enumerar: Adão e Eva foram os patriarcas e tiveram três filhos: Caim, Abel, Sete e muitos outros, formando a 2ª geração. E daí vieram as outras gerações. 3ª: Enos, 4ª: Cainã, 5ª: Maallalel, 6ª: Jared, 7ª: Enoque, 8ª: Metusalém, 9ª: Lamque, 10ª: Noé; 11ª: Sim, Cam e Jafé, e cada um desses tiveram vários filhos e descendentes, formando a 11ª, a 12ª e a 13ª geração. Heber e outros formam a 14ª e seus descendentes a 15ª; Reu e outros a 16ª; 17ª: Seruque; 18ª: Naor; 19ª: Terá; 20ª: Abraão, Sarai e Agar; 21ª: Rebeca, Issac e Ismael; 22ª Esaú, Jacó, Lia, Raquel, Bila e Zilpa; 23ª: Ruben, Simeão, Levi, Juda, Issaca, Zebulam, Dã, Naftale, Gade e Aser; 24ª: filha de Levi; ... e 65ª: Jesus.

A genealogia Bíblica relata que Abraão viveu aproximadamente há 1850 anos antes de Cristo, sendo 45 gerações neste período chega-se a um tempo de 41 anos para cada geração. Usando esse mesmo valor de 41 anos vezes 20 gerações que viveram antes de Abraão até Adão e Eva teremos um período de tempo de 822. Tendo Jesus nascido há 2020 anos totaliza: 4692 anos atrás o período que viveu Adão e Eva, Bíblia 2014 p.1594.

1177

De acordo com Gonçalves (2010, p. 3), a civilização mesopotâmia emergiu durante o período de 3700-2900 a.C., ou seja, há cerca de 5320 anos. Uma data muito semelhante com a de 4692 anos, considerando que para se calcular a mesma foi usada uma média 41 anos para cada geração após Adão e Eva, pois não existem registros históricos que indique com exatidão quantos anos cada componente destas gerações vivera. E a própria Bíblia não faz uma cronologia rigorosa, quando relata que: desde Adão até o Dilúvio terão transcorrido 1.656 anos, segundo a Bíblia hebraica e 2.262 anos segundo a versão grega dos Setenta (Bíblia 2014 p.1594).

Provavelmente, os mesopotâmios são descendentes de povos primitivos nômades originários do continente africano que ao longo dos tempos foram saindo da África, passando pelo canal de Suez, e chegando até a Ásia e outras regiões do mundo. Aos poucos,

o homem nômade desenvolveu a capacidade de cultivar plantas, o que lhe permitiu se fixar em determinadas regiões dando origem, assim, às primeiras civilizações. A civilização Mesopotâmia, portanto, estabeleceu-se no atual território do Iraque, no vale dos rios Tigres e Eufrates, onde é a localização do Jardim do Éden conforme Genesis 2-14.

Podemos então concluir que Adão e Eva foram os patriarcas desta civilização. E isso não contradiz a gênese na Bíblia, pois na época em que esta foi escrita não se tinha o conhecimento de que o homem é uma espécie oriunda de um primata. E, como ainda não havia se desenvolvido a ciência, os escritos bíblicos usaram muitas metáforas para passar os ensinamentos de acordo com a compreensão das pessoas da época.

De acordo com a Figura 1 é possível ver as migrações dos seres humanos primitivos que partiram da África e chegaram à Europa, Ásia, Oceania e América e, em um determinado momento desses deslocamentos, como relatado há mais de 6000 anos, eles desenvolveram a prática da agricultura e se estabeleceram na região do Crescente Fértil, no atual território do Iraque (Figura 2).

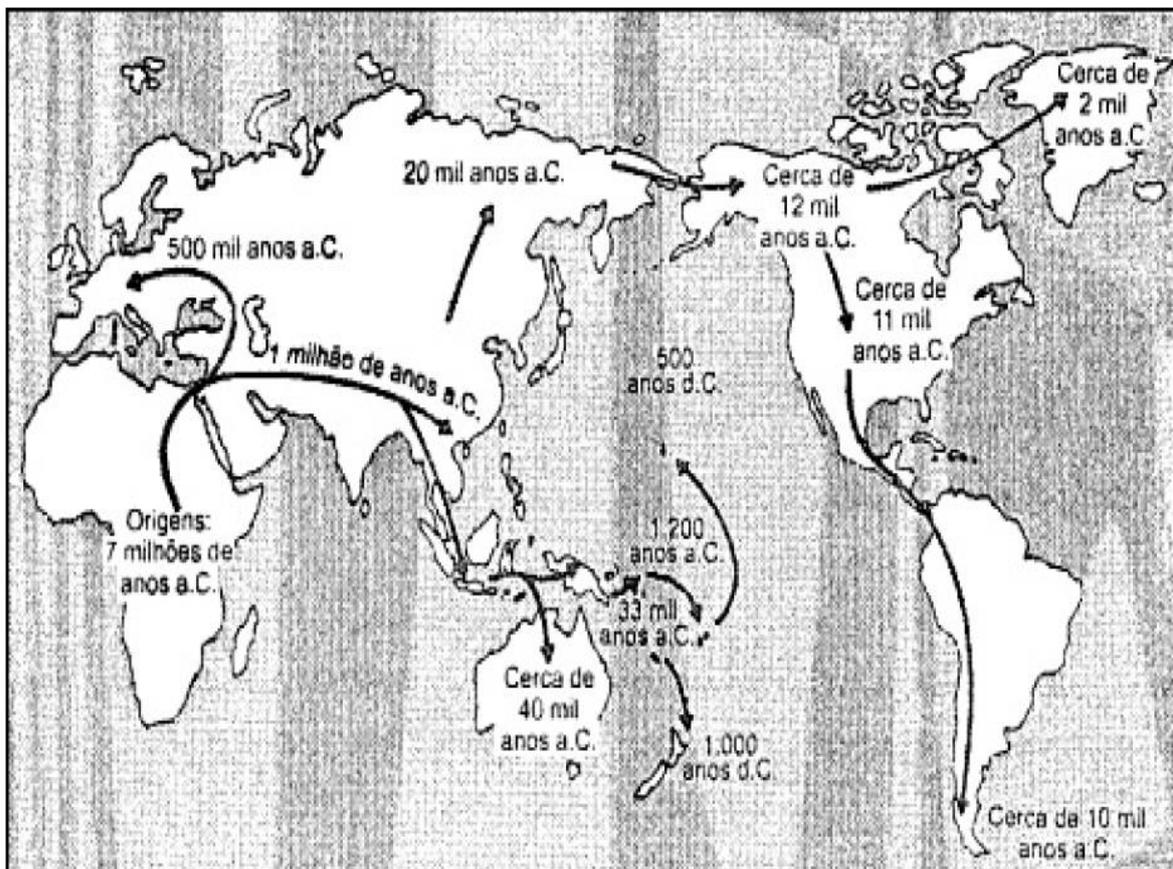


Figura 1 - Caminhos das migrações humanas partindo da África
Fonte: Diamnod, Jared (2013)

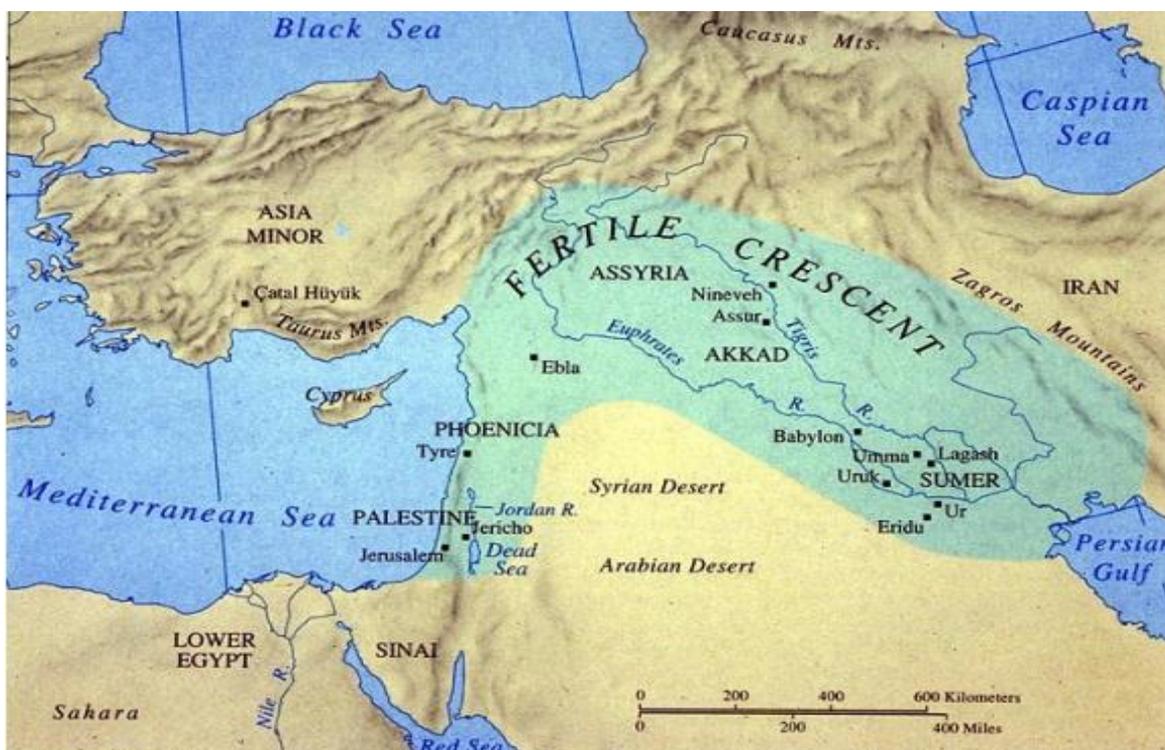


Figura 2 - Região do crescente fértil entre os rios Tigre e Eufrates.
Fonte: Fernandes (2020)

Deus e a eternidade

Deus é descrito como o ser supremo onipotente, onipresente e onisciente, criador de todo o universo. Na Bíblia, é representado dando a entender que se trata de um ser, um indivíduo com uma forma semelhante à de um ser humano. O pai criador de tudo que existe.

Segundo KARDEC, 2003, p. 45, no Livro dos Espíritos, a primeira pergunta: “O que é Deus?” é respondida da seguinte forma: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Quando pensamos em um ser inteligente logo nos remetemos a um indivíduo dotado de um corpo e um cérebro, afinal na Bíblia, diz que Deus nos fez como sua imagem e semelhança. Vem a nossa memória aquela pintura renascentista de Michelangelo: a criação de Adão, que retrata Deus sendo um senhor de cabelos grisalhos e compridos, rodeado por anjos. Entretanto, a pergunta de número 01 do Livro dos Espíritos dá uma explicação mais aprofundada sobre Deus e não o individualiza.

Então, a questão da semelhança se remete ao corpo físico ou à energia primária? Pode a inteligência se manifestar apenas de forma individual em um corpo ou a energia universal possui uma organização tão complexa que pode ser dotada de inteligência?

Refletindo dessa forma podemos definir Deus como sendo aquela energia subatômica que estava aglomerada em um único ponto, menor do que a cabeça de um alfinete, que se expandiu no ato do Bing Bang, formando assim todo o universo?

Pensamos que sim, pois apenas assim podemos entender o significado dos termos: onipotente, onipresente e onisciente.

A energia mais poderosa do universo é a própria que o criou, sendo, então, Deus o onipotente. Ele é, portanto, a própria energia criadora.

Como poderia Deus ser onipresente e estar em todo o universo ao mesmo tempo? Esse é o conceito que melhor pode explicar Deus, pois não é possível um ser individual estar presente em todas as partes do universo com dimensões infinitas. Somente sendo Ele a própria energia que expandiu para estar nesta condição.

De acordo com o dicionário Michaelis (2020), onisciente significa: “que sabe tudo; que tem conhecimento absoluto sobre tudo”. Sendo esse ser chamado de Deus a própria energia criadora poderia ser a inteligência suprema. Apenas Ele, e nada mais, poderia ser mais inteligente para se organizar de forma tão harmônica e criar todo o universo e de forma tão perfeita.

Issac Newton, um dos maiores cientistas da história, mostra a crença no criador divino em uma carta que escreve a Bentley (GLEISER, 1997, p. 190):

Para construir esse sistema com todos seus movimentos, foi necessário uma Causa que compreendeu e comparou as quantidades de matéria dos vários corpos celestes e do poder gravitacional resultante desta [...] E, para ser capaz de comparar e ajustar todas essas coisas com tantos corpos diferentes, essa causa não pode ser uma simples consequência cega do acaso, mas sim uma especialista em mecânica e geometria.

Os escritos de Newton nos levam a refletir sobre um Deus que criou o universo não apenas usando sua vontade, mas através do uso da própria física.

DESCARTES, 1681, p. 34-35, sobre o conceito e a existência de Deus, explica: “Não sendo nós a causa de nós próprios, a causa é Deus e por consequência, há um Deus”, e, ainda,

“Deus não é corporal [...] A simples duração da vida é suficiente para demonstrar que Deus existe”.

De forma bem resumida, Descartes consegue compreender que Deus é a causa primária da criação e que Ele não tem um corpo, ou seja, não é um indivíduo.

O velho testamento bíblico retrata um Deus poderoso e castigador, pois, sendo Ele o criador, quem não seguisse suas leis padeceria. Isso é descrito, por exemplo, no evento do dilúvio, nas pragas que devastaram as plantações e nas tempestades de areia que soterraram cidades no Egito antigo.

A ideia do Deus castigador não está presente nas novas revelações cristãs e nos ensinamentos de outras religiões como, por exemplo, o Budismo, que é uma doutrina religiosa filosófica e espiritual que define o que o ser humano precisa fazer para atingir a sabedoria e a igualdade. Nas atuais religiões o castigo dá lugar aos conceitos de humildade, de busca da felicidade e da necessidade de o ser humano viver em equilíbrio com a natureza e ter respeito pelos seus semelhantes e pelos demais seres vivos do planeta.

Vamos então explorar um pouco mais os conceitos de castigador e equilíbrio.

Um evento chamado Big Bang, de forma “espontânea”, harmônica e sincronizada, criou todo o universo através de reações físicas e químicas. Sabendo então que tudo foi criado de forma harmônica e em perfeito equilíbrio, o que acontecerá se alguém ou alguma coisa vier e interferir?

1181

Se tivéssemos que responder a essa pergunta para alguém que viveu há aproximadamente 5000 mil anos diríamos que os atos errados cometidos seriam punidos por Deus em forma de castigo.

Mas a resposta para os dias de hoje seria de que se tudo está em equilíbrio, qualquer intervenção traria obviamente o desequilíbrio e, portanto, geraria prejuízos individuais e coletivos.

Existem muitos exemplos para isso. A ação dos seres humanos sobre os recursos naturais, como os desmatamentos, as queimadas, o uso inadequado do solo e da água, etc., vem causando enchentes, desabamento de encostas, oscilações climáticas, diminuição da qualidade do ar atmosférico, etc.

A energia universal é onipotente, onisciente e onipresente e, por isso, está em perfeito equilíbrio.

Desde o final do século XX estamos presenciando o ápice global do desequilíbrio ambiental e social. Uma intensa pressão sobre os recursos naturais e conflitos ocorrem entre nações em razão de controle de petróleo e posse de territórios, da desigualdade social, das grandes fortunas sendo acumuladas por uma minoria de indivíduos e de um contingente de milhões de pobres, refugiados, miseráveis e desnutridos em todo o mundo. Podemos dizer que isto está em desequilíbrio.

Se é um ato do acaso ou providência divina ou apenas o universo tentando se reequilibrar não podemos afirmar, mas bastou um vírus de tamanho microscópico para paralisar o mundo no ano de 2020 e frear tudo que estava acontecendo.

Imagens de satélite atuais detectaram uma brusca redução das emissões de poluentes no planeta inteiro, gerada pela redução da produção industrial das grandes potências e pela menor circulação de aviões e veículos terrestres devido aos isolamentos impostos pelas nações do mundo inteiro por causa do vírus Covid-19.

Os países europeus nos últimos anos barraram a entrada de refugiados em seus territórios, provenientes do continente africano e de outros países vizinhos, que estão fugindo da fome e dos conflitos internos. Os Estados Unidos construíram muros em sua fronteira com o México. A resposta a tudo isso, seja por conta do acaso ou outro fator sem explicação concreta, é que a Itália, a Espanha e o Reino Unido tiveram milhares de mortes. E os Estados Unidos até do dia 22/09/2020 lideraram o *ranking* de casos e de mortes no mundo por causa do vírus Covid-19.

A grande discussão da atualidade é como será o mundo pós pandemia. Diante disso, temos que responder e agir sobre algumas questões. Vamos corrigir os erros e tentar chegar a um novo equilíbrio? É necessário esgotar todos os recursos naturais do planeta em troca de conforto e da geração de riquezas concentradas? Será mesmo que o capital e o sucesso econômico são mais importantes do que a vida humana? Podemos criar políticas públicas para acabar com a fome e a miséria, melhorar a distribuição de renda e dar mais oportunidade para que as pessoas possam estudar, ter um emprego, ser dona do seu próprio negócio e com isso ter uma vida mais digna?

São questões extremamente importantes que temos que discutir, pois o que está envolvido não é simplesmente a “destruição” da natureza. O que está em jogo é a sobrevivência da espécie humana. Temos que entender que a natureza não pode ser

destruída. Isto é uma fábula, afinal, em tempos geológicos anteriores da história do homem a natureza foi “destruída” por eventos catastróficos como, por exemplo, queda de meteoros, períodos de glaciação e de seca extrema que tiveram a duração de milhões ou milhares de anos e que levaram à extinção em massa de espécies de fauna e flora. Mas o que ocorreu depois com um novo ciclo climático foi a volta da vida com todo o seu esplendor.

Então, a espécie humana tem que se colocar como indivíduos integrantes da natureza sujeitos aos seus ciclos e não como uma espécie acima dela. Podemos ser até a atual espécie dominante do planeta, mas não podemos controlar a natureza, pois seus ciclos não são todos regidos por agentes internos, mas, principalmente, por fatores externos, astronômicos, como a influência do sol, mudança no eixo de inclinação do planeta, o campo magnético, dentre outros. Só para ilustrar, os dinossauros foram a espécie dominante da Terra durante milhões de anos seguidos e entraram em extinção devido a fatores externos, possivelmente por conta da queda de um meteoro que provocou o aumento da atividade vulcânica que lançou uma grande quantidade de cinzas e gases na atmosfera, alterando o clima do planeta. E a espécie humana possui apenas alguns milhares de anos de existência e, além dos agentes externos que não podemos controlar, estamos sujeitos as nossas próprias ações que também podem levar ao colapso, seja por conta do uso intenso dos recursos naturais que pode acarretar a escassez de alimentos ou por conta da destruição provocada por guerras nucleares.

Na verdade, o fim do planeta Terra já está determinado pela ciência por conta da atividade solar que vai se intensificar nos próximos bilhões de anos e irá fazer evaporar toda a água do planeta e destruir toda a vida por aqui. Talvez um ciclo que poderia até já ter ocorrido em outros planetas como, por exemplo, em Marte em épocas remotas.

Portanto, temos claro que devemos viver o presente, mas a ideia de agirmos em prol das futuras gerações é vital para a nossa própria sobrevivência.

A intensa evolução científica e tecnológica ocorrida desde meados do século XX levou a uma intensa degradação ambiental e de alguns valores humanos e sociais. É chegado o momento de refletirmos então sobre as coisas simples e importantes e resgatarmos a ética, a moral e o amor ao próximo e iniciarmos de vez o novo século XXI com maior respeito à natureza e ao ser humano como um ente social de fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos chegar a um consenso entre ciência e espiritualidade, com a proposição de reflexões como forma de contribuirmos com a evolução do pensamento. Entre as ideias religiosas e as teorias científicas ocorreram divergências, especialmente no passado e mesmo hoje os embates ainda se perpetuam e causam dúvidas entre, principalmente, a ideia do criacionismo e a teoria da evolução.

Não gostaríamos que as reflexões aqui apresentadas sejam vistas como uma negação da fé e da importância da espiritualidade e da religiosidade, mas sim como um entendimento da concordância entre ciência e espiritualidade, mostrando que existem formas e linguagens diferentes para se expressar e entender determinadas coisas em épocas remotas em contraponto com os dias atuais. E que algumas coisas são ditas de formas diferentes que parecem até antagônicas, mas na essência não são.

Podemos então acreditar na teoria da evolução e na explicação científica da expansão do universo e, ao mesmo tempo, ter fé em Deus, pois a minha energia é derivada da mesma origem de tudo que existe no universo e quando concentramos nosso pensamento na fé estamos, nada mais nada menos, interagindo com a energia universal que é onipotente, onipresente e onisciente.

Neste artigo não tivemos a preocupação de reescrever ou contradizer as teorias de Kepler, Newton, Einstein, Hubble, Hawking, Gleiser ou outros cientistas que tenham dado suas contribuições ao longo das suas vidas para a humanidade e para a ciência. Mesmo porque, com nosso conhecimento, não conseguiríamos reescrever ou contrapor algo provado por esses e outros grandes personagens da história, e nem tivemos a objeção de definir Deus de forma definitiva, seja através de uma fórmula matemática ou de algum experimento provando a sua existência.

O que apresentamos aqui foram apenas algumas hipóteses, comparações e reflexões sobre uma temática sem, no entanto, uma prova científica. Mas são ideias que podem ajudar no entendimento de muitas questões ainda não respondidas sobre religiosidade e ciência, e ao mesmo tempo, chegar a um consenso sobre os temas.

Em vários momentos durante o trabalho de escrever esse artigo paramos para refletir que muito do que estávamos escrevendo era simplório e óbvio. A conclusão é que às vezes é preciso dizer o simples e o óbvio com o intuito de um melhor esclarecimento.

Da mesma forma que se pensava que a Terra era o centro do universo e o sol é que girava em torno dela e depois os cientistas descobriram que o sol era o centro e a Terra é que girava em torno dele, esta proposta do conceito de Deus energia pode ser considerada uma evolução no modo de pensar.

O conceito de Deus energia como a própria que se dissipou e criou todo o universo atende à filosofia de todas as religiões, pois o princípio é universal e cada religião tem sua filosofia adaptada ao grau de evolução espiritual de seus seguidores baseado neste princípio.

Este conceito atende até ao ateísmo, que são pessoas que não acreditam em Deus e/ou não seguem nenhuma religião. Cada pessoa pode fazer o bem mesmo sem a estrutura de uma religião. A China, por exemplo, tem uma grande porcentagem de ateus, mas sua cultura milenar e a prática de artes marciais pode ser um dos caminhos para a pessoa interagir com a energia universal. Um praticante de arte marcial desenvolve o equilíbrio interno, o senso de respeito, a humildade, a moral e a ética. Então, considerando este conceito, um ateu acredita em Deus. Ele apenas não acredita no Deus pregado pelas religiões.

Acreditamos que a maior dificuldade da humanidade em definir o conceito de Deus tenha ocorrido pelos seguintes fatores: primeiro era necessário o ser humano atingir um determinado estágio de evolução intelectual, moral, ético e espiritual; e, segundo, porque sempre se tentou definir Deus como algo misterioso, místico e sobrenatural. Mas, na verdade, acreditamos que o conceito de Deus não seja nem misterioso e nem tão sobrenatural assim que não possa ser entendido. O seu entendimento está em conceituá-lo de forma simples, por mais que Ele seja ao mesmo tempo Grandioso.

Grandioso e Poderoso porque Ele é o próprio universo, e simples porque está aqui presente em cada galáxia, em cada sistema estelar, em cada nebulosa, em cada planeta, em cada ser vivo presente na Terra ou em cada lugar neste universo onde possa, por ventura, existir vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICAS

ARANTES, Esther M. M.; Giordano Bruno. Parresiasta, filósofo e poeta do universo infinito. *Mnemosine*, vol.15, nº1, p. 437-451 (2019).

Bíblia Sagrada Online. Disponível em: <<https://www.bibliaon.com/>> Acesso em 30 de jan. 2020.

Bíblia Sagrada. Edição Claretiana. São Paulo, 2014.

CARVALHO, Rafael V. *O heroísmo socrático na poética de Platão: o drama platônico na filosofia dos diálogos*, 2018. 148 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 2018.

CESAR, Júlio. *Do início de tudo com o Big Bang até os dias atuais*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fisicaecidadania/conteudo/big-bang/>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

CHOPRA, Deepak. *Deus: dez histórias de revelação divina ao homem*. Tradução: Anthony Cleaver, Lívia Almendary. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1681.

DIAMOND, Jared M. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Tradução: Silva de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 2013

Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

1186

FERNANDES, João P. *Apostila de História: As antigas civilizações da Mesopotâmia*. Paraíba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2020.

GLEISER, Marcelo. *A Dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONÇALVES, Miguel. Análise de práticas contabilísticas na antiga civilização mesopotâmica. *Enfoque: Reflexão Contábil*, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, vol. 29, núm. 1, 2010, p. 9-17.

GOTTLIEB, Anthony. *Sócrates: O mártir da filosofia*. Tradução: Irley Fernandes Franco. São Paulo: Editora UNESP, 1999

GOUVEIA, Rosimar. *Biografias - Galileu Galilei*. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/galileu-galilei/>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo. Do Big Bang aos Buracos Negros*. Tradução Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HAWKING, Stephen. *O universo numa casca de noz*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

KARDEC, Allan. 1804 - 1864. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Capivari: EME, 2003.

KARDEC, Allan. 1804 - 1864. *O Livro dos espíritos*. Araras: IDE, 2003.

MENDES, Maria J. F. *Possibilidades de exploração da história da ciência na formação do professor de matemática: mobilização saberes a partir da obra de Nicolau Copérnico*. 2010. 193 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

PESSANHA, José A. M. *Aristóteles*. Tópicos dos argumentos sofisticos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PESSANHA, José A. M. *Diálogos*. Platão. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PESSANHA, José A. M. *Os pensadores*. Tradução: Jaime Bruna, Libero R. de Andrade, Gilda Maria R. S. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ROSA, Fabrício P. *Uma reflexão sobre o caso Galileu: do heliocentrismo à inquisição*. 2013 34p. Monografia (Especialização) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, 2013.

SOUZA, Sheila M. *Dispersão de Homo sapiens e povoamento dos continentes*. In: *Fundamentos da Paleopositologia*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

STEINER, João E. *Origem do universo e do homem*. In: *Estudos Avançados*, USP 20 (58), 1187 2006.

USINA DE LETRAS. Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=27942&cat=Artigos>>. Acesso em: 12 ago. 2011.